

**EPISTEME: FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS EM REVISTA**

chega a seu nono número, fiel a seu propósito de criar um espaço para a discussão dos diversos temas e enfoques que constituem o horizonte da Filosofia e História das Ciências. Com esse fio condutor, o presente número oferece uma reflexão tanto sobre questões epistemológicas de fundo, com problemáticas que abrangem diversos níveis e áreas de indagação filosófica e histórica, quanto sobre contextos históricos bem próximos a nós, levando à consideração das íntimas relações que se estabelecem entre a história das ciências e a reflexão filosófica, repercutindo em âmbitos tais como o ensino de ciências e a nossa realidade cultural maior.

Dedicamos este número, com nossa profunda homenagem e, ao mesmo tempo, com nosso mais doloroso pesar, à nossa colega, uma das colaboradoras deste número e de todas as atividades de nosso Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências, Daisy Lara de Oliveira, vítima de um prematuro e trágico falecimento, juntamente sua família, esposo e filha, no dia 21 de maio último. Daisy marcou seu trabalho em nosso grupo como uma de suas mais ativas e dedicadas participantes, com contribuição marcante em todos os nossos projetos e membro de nossa Comissão Coordenadora. Sua família doou a nosso grupo os livros da Daisy relacionados à Filosofia e História das Ciências, dando início a um pequeno mas qualificado Acervo Daisy Lara de Oliveira. Agradecemos a generosidade desse gesto, não só pelo que nos proporcionará em termos de material de pesquisa, mas, sobretudo, por materializar entre nós, de modo tão significativo, a nossa terna e grata lembrança da Daisy, que partilhamos agora com nossos leitores com umas breves palavras sobre nossa querida colega.

Daisy Lara de Oliveira nasceu em 22 de maio de 1958. Sua vida acadêmica iniciou-se na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como aluna do Curso de Ciências Biológicas. Ainda como aluna de graduação, trabalhou com fisiologia do comportamento animal e, posteriormente, com genética ecológica. Realizou o Mestrado junto ao então Curso de Pós-Graduação em Genética da mesma Universidade, onde obteve o seu grau com a Dissertação intitulada “Tamanho efetivo de populações naturais de *Heliconius erato* e possibilidades de seleção e deriva (Lepidoptera; Nymphalidae)”, sob a orientação de Aldo Mellender de Araújo. Posteriormente dedicou-se algum tempo ao ensino de Genética na Universidade de Caxias do Sul, bem como ao ensino de Ciências em alguns colégios de Porto Alegre. Aprovada em concurso público para ingresso no Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS passou a dedicar-se integralmente a essa atividade. Sempre interessada na questão da evolução biológica, na história das idéias evolutivas e nos aspectos filosóficos, procurou ligar-se a algum programa de pós-graduação visando ao doutorado com estes temas. Em 1995, foi admitida no Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular da UFRGS. Lá iniciou os seus trabalhos de doutorado com um projeto que sofreu uma acentuada “evolução”, a partir da sua redação inicial. O projeto original

ênfatizava a concepção de alunos de Biologia, calouros e formandos, a respeito de questões de biologia evolutiva. Mais tarde a idéia da Daisy foi a de buscar o que ela chamou de “um caminho epistemológico para entender concepções de evolução”. O projeto evoluiu, no último ano e meio aproximadamente, para concentrar-se nas concepções dos arquitetos da Teoria Sintética da Evolução sobre questões envolvendo o “acaso” e o “progresso”, bem como na história contada pelos participantes daquele movimento sobre a importância de diferentes áreas das Ciências Biológicas na elaboração da Síntese Evolutiva. Como um contraponto às concepções de mundo dos cientistas envolvidos, ela procurava situar as visões de mundo reveladas pelos estudantes de Biologia através de entrevistas semi-estruturadas. O trabalho estava muito rico em questões epistemológicas e com objetivo de obter algumas fontes primárias de informação histórica, ela viajou para os Estados Unidos em março do corrente ano. Lá esteve na Universidade de Cornell, com o Prof. William B. Provine, um dos historiadores da Biologia mais destacados do momento. A Daisy retornou de lá com grande entusiasmo e feliz por estar atingindo o ponto desejado para a defesa de seu doutorado. Infelizmente, ela não pode completar o seu trabalho, o que será levado a cabo por Aldo Mellender de Araújo, seu orientador e com quem desenvolvia vários projetos em colaboração. Os resultados de suas investigações (alguns trabalhos já foram publicados) deverão aparecer sob a forma de uma publicação única, em um futuro próximo.

Abrindo o presente número, nossa tradicional seção de entrevistas traz um *Conversando com William B. Provine*, em entrevista exclusiva concedida a *Daisy Lara de Oliveira e Aldo Mellender de Araújo*. O entrevistado, nome consagrado nos estudos de Genética de Populações e da Evolução em geral, bem como de História da Ciência, não só revela dados importantes de sua trajetória e formação pessoal, como expõe seu pensamento acerca de temas tão polêmicos quanto ao que alguns chamam de “crise da teoria evolutiva” e as relações entre o evolucionismo biológico e a religião. Relata ocorrências importantes que presenciou no que podemos chamar de história contemporânea da Teoria Evolutiva, com sua proposta de interpretação da chamada “síntese evolutiva” em termos de uma “constrição evolutiva”.

Versando sobre questões epistemológicas que perpassam diferentes níveis e áreas de investigação, o artigo *Ceticismo metacientífico: “aprender sem jamais conhecer”*, de autoria de *Alberto Oliva*, explora as consequências das críticas dirigidas ao fatalismo científico, levando a uma revisão dos processos de formação e validação das teorias científicas, dando especial enfoque à discussão justificacionismo/falibilismo. O texto de *Oliva* igualmente proporciona uma visão dos marcos históricos que balizaram tais questões e de seus referenciais contemporâneos. Também apontando a questões epistemológicas de fundo, estão duas de nossas resenhas. *Alfredo Veiga-Neto* chama a atenção para a obra de Pierre Lévy que já está publicada no Brasil, na resenha *De internet, cibercultura e inteligências...*. Estará mesmo o mundo da ficção científica tornando-se realidade? Estamos sendo controlados em e por meio de imensos sistemas informacionais? Com clareza e concisão, *Veiga-Neto* comenta o trabalho de Lévy – suas teses sobre a “virtualização da memória” pela invenção da escrita e sobre a revolução radical ocasionada pela invenção de novos suportes eletrônicos para o registro da escrita, produzindo o hipertexto e a “inteligência coletiva”, potencializando o texto

e a leitura – e avalia a posição do pensamento de Lévy no quadro filosófico atual, bem como a importância da leitura de *Cibercultura* para a compreensão do homem no “ambiente” da contemporaneidade. *André Koch Torres de Assis*, em *Discussão sobre o conceito de ciência*, faz a resenha do *O que é uma teoria científica?*, da autoria de Jenner B. Bastos Filho, em que são tratados temas como a objetividade das teorias científicas, o conceito de espaço nas disputas científico-filosóficas, as análises de filosofias da ciência contemporâneas e seu “teste” pela história da ciência, as relações entre a matemática e a física, bem como entre a arte e a ciência. *Assis* oferece um resumo sucinto, porém informativo, do conteúdo da obra resenhada e ressalta sua importância em uma área em que se conta com poucos autores brasileiros desenvolvendo idéias originais, podendo ser recomendada para qualquer curso de Lógica, História e Filosofia da Ciência em nível universitário. Por fim, *Anna Carolina K. P. Regner*, em *Construcionismo social – desarmando um campo minado*, apresenta resenha do mais recente livro de Ian Hacking, *The Social Construction of What*, que traz uma abordagem bastante original das discussões que perpassam a chamada “guerra das culturas” ou “guerra das ciências” e que encontram nos debates em torno ao “construcionismo social” um ponto privilegiado para análise. A resenhista enfatiza que Hacking, fugindo do já desgastado eixo Sokal-Latour, não só busca esclarecer o que está em jogo e tematizar o pano de fundo epistemológico e metafísico de tais discussões, como abre um profícuo espaço para o diálogo e traz novos referenciais conceituais para compreensão e avaliação da atividade científica.

Voltando-nos a problemáticas mais específicas, embora com repercussões em diferentes áreas, encontramos dois interessantes artigos sobre problemas que têm sido objeto de renovados questionamentos. Um refere-se às relações mente-corpo, em uma de suas versões contemporâneas mais importantes, representada pela tese do monismo anômalo de Donald Davidson. O tema tem interesse não só epistemológico e mesmo ontológico, como revela-se da maior importância para a compreensão da natureza dos fenômenos mentais. *André Klaudat* analisa a tese em questão em *Materialismo, Causalidade e eventos no Monismo Anômalo*, sustentando que, embora a tese da anomalia do mental seja acertada, existem sérios problemas com a maneira da teoria tentar estabelecer seu fisicalismo. No outro artigo, *Sobre Popper y la interpretación realista de las probabilidades*, o autor, *Jorge Alberto Molina*, ocupa-se da questão das probabilidades, sobre como interpretá-las quanto a seu *status* epistemológico, metodológico (e, pode-se acrescentar, ontológico). Expõe com clareza a história das controvérsias sobre a natureza da probabilidade, discute os problemas do falseamento das hipóteses probabilísticas, discute os argumentos de Popper contra as interpretações lógica e subjetivista das probabilidades e apresenta uma avaliação clara e cuidadosa das vantagens da interpretação das probabilidades em termos de propensões sobre a sua interpretação em termos de frequências.

Privilegiando um enfoque histórico, temos matérias de diferentes abrangências. De um lado, *Maria Lúcia C. Wortmann* traz significativa contribuição ao tema da contextualização do ensino, da instituição escolar, das competências e habilitações profissionais envolvidas, em *Localizando o Ensino das Ciências na instrução escolar do Rio Grande do Sul*. Oferece-nos um rico material de pesquisa referente a esse

ensino no século XIX e início do século XX, revelando que datam do século XIX as primeiras instituições escolares organizadas sob um modelo aproximado do que tem sido considerado como a “escola moderna”, bem como as primeiras referências a regulamentos sobre programas de estudos para “matérias científicas” e professores que atuaram na área (1889) e a registros de exames escolares. As matérias científicas não foram facilmente incorporadas à escola e, como professores de ciências atuavam religiosos, médicos e engenheiros, muitos dos quais ligados (a partir de 1939) à Universidade de Porto Alegre. De outro lado, a resenha que *Attico Chassot* nos oferece em *Uma grande “Pequena história da Química”* avalia a contribuição trazida pela obra de Juergen Heinrich Maar, *Pequena história da Química – primeira parte – dos primórdios a Lavoisier*, à História da Química. Em minuciosa análise, *Attico Chassot* descobre o autor-historiador também como poeta. Destaca-lhe, afora seus méritos como cuidadoso historiador da Química, fartamente recorrendo a documentos não encontráveis em nossas bibliotecas e exibindo um índice onomástico de quase um milhão de nomes, o de ser um escritor capaz de escrever para um público que não se restringe a químicos, trilhando o caminho intermediário a que se propõe, entre uma abordagem “internalista” e uma “externalista”. Em uma gentil censura, o resenhista discute a restrição que o livro apresenta, ocupando-se de uma “História da Química Ocidental” e de alguns “reducionismos” em certas análises encontradas entre as 848 p. da obra! Mas *Attico Chassot* conclui recomendando enfaticamente o texto aos químicos, reconhecendo que o mesmo cumpre com o espírito presente em uma de suas bem selecionadas frases capitulares: “quem nada entende além da Química, também desta nada entende”.

A fertilidade da história das ciências para uma reflexão epistemológica e cultural aflora de modo bastante representativo em *Between Science and Zionism: Einstein in Brazil*, de *Thomas F. Glick*. Nesse artigo, o autor focaliza os efeitos polêmicos da visita de Einstein ao Brasil em 1925, tanto no âmbito da comunidade científica como no da comunidade judaica. A recepção da Física einsteineana no Brasil, para a qual os matemáticos de vanguarda e engenheiros tiveram papel proeminente, deslocou o controle exercido pelos positivistas na comunidade científica, ajudando a criar um ambiente favorável aos novos físicos na década subsequente. No que concerne à comunidade judaica, o autor assinala a separação entre sionistas e anti-sionistas pela visita do celebrado físico.

Feita a apresentação de nosso n. 9, esperamos que sua leitura seja bem acolhida pelos nossos leitores. Agradecemos o interesse com que têm até aqui nos prestigiado, vital para os tempos de poucos recursos com que nos defrontamos, bem como o trabalho daqueles colaboradores que fazem com que **Episteme** seja merecedora desse prestigioso interesse e permaneça como espaço de discussão enquanto *uma revista brasileira de Filosofia e História das Ciências*.

*Anna Carolina K. P. Regner*  
**Editora**